

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LETICIA LIVRERI STEIN MAMPRIN

O COMPLEXO FRATERNAL NA FORMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

SÃO CARLOS

2023

LETICIA LIVRERI STEIN MAMPRIN

O complexo fraterno na formação da subjetividade

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel de Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo C. P. Câmara

São Carlos

2023

AGRADECIMENTOS

Momentos de entrega de monografia tem, em si, sempre grande carga simbólica de finalização de ciclos. Esperei por dias um momento de gratidão inspirada para que então escrevesse aqui, a última parte deste trabalho. Mas tendo a crer que a gratidão é por vezes um exercício, de lembrar tudo que propiciou que isso viesse à tona. Meu corpo hoje está adoecido, mas me sinto grata.

Portanto, primeiramente, agradeço pela minha existência, fruto de minha família e tudo que convergiu para que só isso pudesse acontecer. Agradeço o suporte que sempre me foi dado na medida do possível de cada um, e também os tumultos, que me apontaram para grandes transformações. Quero agradecer aos meus pais e irmãos (rs), por absolutamente tudo que me criou, por ter inspirado este tema, e por ter tolerado, especialmente na infância e adolescência, o que há em mim de mais carente e agressivo. Gui, Gabi e Rafa, me vejo em vocês e me faço também de vocês.

Gratidão a todos que trocaram ideias e histórias comigo, me acolheram quando vim para esta cidade sem conhecer absolutamente ninguém, em momentos turbulentos de vida. Por todos os almoços no R.U., todas as conversas entorpecidas de verão: Gled, Sebastian, Samuel, Helena, Matheus, Gabi, entre muitos outros. Talvez a maior parte do meu conhecimento hoje tenha vindo de trocas. E tenho certeza que, sem isso no início, não teria permanecido no curso.

Nelson, obrigada por ter me fortalecido na transição de cidade e de momento de vida, me incentivar a me colocar no mundo, compreender minhas necessidades, com muito carinho, em uma época tão complicada. Te amo muito e sinto muito por tudo também. Giorno, grata por me mostrar que algumas relações coexistem com grandes mudanças e distâncias, quando se ama o ser de alguém.

Obrigada Leo, por ter me apoiado desde o início nesta temática tão desafiadora e vazia de teorias consistentes. Por tentar me compreender mesmo quando minha escrita se tornava embaralhada. Pelos conflitos e reconciliações. Gled, que acompanhou de perto o começo desta empreitada de monografia, as angústias, travamentos e inspirações. Obrigada por sempre acreditar que eu era forte e capaz, mesmo quando eu duvidava.

Gratidão à Helena. Eu te amo muito em todas as suas contradições e sínteses, em toda esperança e fé compartilhadas, em toda honestidade tranquila que há entre nós. Você sempre me traz de volta pro brilho solar do mundo quando preciso. Obrigada Chow, por todo amor, apoio, e aceitação de como cada um pode e quer amar e viver. Com você eu conheci partes de mim que hoje me sustentam muito, e aprendi que relações podem se basear, até com muita facilidade, na confiança e tranquilidade. E que eu gosto disso.

Treme, por todas as conversas e aberturas. Pelos bons encontros. Por se permitir ser e, assim, me permitir ser também, nos movimentos mais naturais de cada um. Com muito cuidado e implicância amorosa. Lennon, por ser tão compreensivo com meus movimentos mais frustrantes, estando ainda aberto às trocas quando ocorrem. Você me fez ver que há muitas possibilidades de se fazer vida e comunidade, e isso me inspira.

Gratidão ao forró, que aprendi a dançar aqui e que revirou minha relação com meu corpo, minha confiança na minha intuição, percepção e espontaneidade. Em especial às danças com Lennon e Tranche. Gratidão pela arte em todas as suas formas.

Obrigada Morfeu e Ícaro, por toda companhia e doçura, e por me mostrarem, assim como diversas outras experiências, como tenho facilidade e satisfação em cuidar.

À todos que eu amo, e que não citei em nome aqui, mas estão contidos no meu corpo inteiro. Pois é nesse cotidiano de relação, de amor, de angústia e de cuidado, que se pode viver enquanto ser humano.

Por fim, agradeço também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo suporte financeiro – número do processo: 2022/12377-0 Iniciação Científica – e pelo estímulo à produção científica do estado.

“Quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã.”

(Nietzsche, ECCE HOMO).

“Sai de tua infância, amigo, acorda!”

(Jean-Jacques Rousseau, retirado de Schopenhauer, 2005).

O complexo fraterno na formação da subjetividade

Resumo: O complexo fraterno consiste, de forma sucinta, na organização psíquica de um sujeito diante de um outro que ele reconhece como irmão ou irmã, envolvendo uma complexa dinâmica de identificações, posições relacionais, etc. Compreendendo-se que esse complexo desempenha um papel estruturante na organização psíquica, esta pesquisa, de cunho qualitativo, teve o objetivo de trazer uma maior compreensão de como a figura dos irmãos mais velhos pode atuar na formação da subjetividade do irmão mais novo. Ela foi realizada por meio do método de entrevista narrativa de associação livre com dois participantes. Neste estudo, apesar das limitações apontadas no método de pesquisa, foi possível entrar em contato com elementos do complexo fraterno na fala dos participantes, como: a relação entre este complexo e o eu do irmão mais novo; como o complexo fraterno participa na formação do ideal do eu e como se relaciona as escolhas objetais e ao contexto geral familiar. Isso foi feito principalmente através da observação, através da narrativa, de identificações e oposições. Foi possível propiciar, pelo menos para um dos participantes, uma reflexão ativa sobre a relação com o irmão na dinâmica familiar, trazendo repercussões para esta relação.

Palavras-chave: relações entre irmãos e irmãs; complexo fraterno; psicanálise; identificação.

The fraternal complex in the formation of subjectivity

Abstract: The fraternal complex consists, succinctly, in the psychic organization of a subject facing another that he recognizes as a brother or sister, involving a complex dynamic of identifications, relational positions, etc. Understanding that this complex plays a structuring role in the psychic organization, this research, of a qualitative nature, aimed to bring a greater understanding of how the figure of the older brothers can act in the formation of the younger brother's subjectivity. It was carried out through the free association narrative interview method with two participants. In this study, despite the research method limitations, it was possible to be in contact with elements of the fraternal complex in the participants narrative: what this complex has to do with the younger brother's ego, how the fraternal complex helps to form the ego ideal and relates to object choices and the general family context. That was made through narrative observation of identifications and oppositions. It was possible to contribute, at least for one of the participants, for an active reflection of the sibling's relationship, bringing repercussions on her relationship with her brother.

Key-words: relationships between siblings; fraternal complex; psychoanalysis; identification.

Sumário

1. Introdução	10
2. Fundamentação teórica	12
2.1. Primeiras citações de Freud ao Complexo Fraternal	13
2.2. Contribuições de Lacan	14
2.3. Outras contribuições	15
3. Objetivos	16
3.1. Objetivo geral	16
3.2. Objetivos específicos	16
4. Metodologia	16
4.1. Tipo de estudo	16
4.2. Abordagem	16
4.3. Amostragem	18
4.3.1. Perfil dos participantes	18
4.3.2. Tamanho da amostra	19
4.3.3. Recrutamento dos participantes	19
4.3.4. Estratégia de amostragem	19
4.4. Procedimentos de coleta, gravação e armazenamento dos dados	20
4.4.1. Procedimento de coleta	20
4.4.2. Gravação e armazenamento dos dados	21
4.5. Técnica de análise dos dados	21
4.6. Materiais e recursos	22
4.7. Cuidados éticos	22
4.7.1. Comitê de Ética e TCLE	22
4.7.2. Avaliação dos riscos da pesquisa	23
4.7.3. Avaliação dos benefícios da pesquisa	23
5. Resultados e primeiras análises das Entrevistas Narrativas	24
5. 1. Participante A.	24
5.1.1. Dinâmica familiar geral	24
5.1.2. Dinâmica Fraternal	25
5.2. Participante B.	27
5.2.1. Dinâmica familiar geral	27
5.2.2. Dinâmica Fraternal	29
6. Análise Geral	32
7. Considerações finais	36
Referências	37

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	39
Anexo 2 - Formulário Inicial	43

1. Introdução

A relação entre irmãos, em toda sua complexidade, é retratada em diversas formas de cultura, lendas, religiões e mitos, como por exemplo a parábola de Esaú e Jacob, do primeiro livro da Bíblia, que trata da relação marcada por intensa rivalidade e pela questão da primogenitura de dois irmãos gêmeos, filhos de Isaac e Rebeca, netos de Abraão (Kancyper, 2019). A relação entre irmãos, melhor descrita como ambivalente, com dinâmicas relacionais flutuantes positivas e negativas (Dunn, 1988), tem sido estudada com mais afinco nas últimas décadas por historiadores e psicanalistas, mas teve outros diversos picos de interesse ao longo da história, além dos já citados, como a busca da fraternidade na Revolução Francesa (Kaës, 2011), e por Freud no mito da horda primitiva, como descrito em *Totem e Tabu* (1913/2013), em que ele entende a relação entre irmãos como a responsável pela união e revolta contra o pai tirânico, fazendo deste vítima do primeiro assassinato após o qual foi instaurado um pacto totêmico, determinando a proibição do incesto e do parricídio (Garcia-Roza, 2008).

Apesar dos picos de interesse, não é um tema tão explorado, contando com relativamente poucas pesquisas dedicadas a ele no Brasil. Na área do desenvolvimento humano, por exemplo, têm sido desenvolvidas muitas pesquisas sobre os efeitos parentais no desenvolvimento, mas poucas e apenas mais recentes pesquisas sobre o papel dos irmãos nesse processo (Kramer, 2009). Porém, a relevância deste foco de pesquisa tem se tornado mais evidente, considerando-se, por exemplo, que irmãos passam muito tempo uns com os outros – mais do que passam com os pais ou colegas –, o que permite que aprendam muitas experiências diretamente com os irmãos, e que, portanto, muitas influências ocorram entre eles no decorrer do desenvolvimento (Kramer, 2009).

Algumas pesquisas já realizadas demonstraram como comportamentos antissociais ou de risco podem estar associados não apenas com a relação com os pais ou a estrutura familiar, mas também com os irmãos, seus comportamentos e trajetórias (Patterson, 1986; Reid, 1996; Conger and Rueter, 1996). Outras pesquisas evidenciariam também como o comportamento de um irmão mais velho pode influenciar as expectativas que os pais nutrirão com relação ao irmão mais novo, as pressões que nele recairão, etc. (Brody, 2004). Além disso, irmãos aprendem uns com os outros de diversas formas, como: por imitação ou instrução; através da interação, que permite

desenvolvimento social e de competências socioemocionais; e o estabelecimento de aspirações, formação da identidade e “*deidentification*” em resposta à percepção de diferentes características de irmãos (Kramer, 2009).

“*Deidentification*” seria o julgamento ou percepção que se tem de ser diferente do próprio irmão (Schachter, Shore, Feldman-Rotman, Marquis & Campbell, 1976) ou, em outra definição, a tendência, consciente ou não, de se definir como diferente de um irmão, seja para reduzir a competição, estabelecer a própria identidade na família ou conquistar sua parte do amor e da atenção familiares (Whiteman, McHale, & Crouter, 2007). Pesquisas sugerem que sujeitos buscam ter identidades únicas, e que tal tendência pode ser influenciada pela percepção que eles têm dos atributos e qualidades dos seus irmãos (Schachter, Shore, Feldman-Rotman, Marquis & Campbell, 1976).

Assim, destaca-se as diversas possibilidades e objetos de investigação incluídos no tema dos irmãos, como o estudo da influência entre irmãos no desenvolvimento, nas aspirações e identidades; estudo das relações em sociedade, do laço fraterno, da fraternidade; das mudanças na organização hierárquica social; e estudo da relação entre irmãos propriamente dita, seus afetos, fantasias e transferências relacionadas. No que diz respeito a este último, e também sobre a influência entre irmãos nas aspirações e identidades, alguns estudos psicanalíticos sobre Complexo Fraterno, como os de Kancyper (2019), exploram isso. Porém, tais estudos se debruçam muitas vezes apenas nas relações mais “diferenciadas” entre irmãos, como no caso da morte de um deles e/ou no caso de gêmeos.

Desta forma, pode-se compreender que a relação entre irmãos é uma área rica de possibilidades de estudo, com alguns focos ainda pouco explorados. Um exemplo de questão relacionada à fratria que foi relativamente pouco trabalhada se refere a como irmãos se relacionam e se influenciam. A relação entre irmãos em geral envolve uma dinâmica que pode ser complexa e influente na vida de uma pessoa, em especial na sua identidade e hábitos, na medida em que pode envolver identificações ou diferenciações (“*deidentification*”) profundas, e afetar a sua relação com os outros. Com o propósito de explorar essa questão, a presente pesquisa adotará como referencial teórico a psicanálise, e especialmente o conceito de “complexo fraterno”.

2. Fundamentação teórica

Para trabalhar com o conceito de Complexo Fraternal, é necessário antes compreender o que significa “complexo” na Psicanálise. “Complexo” é definido como:

conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados (Laplanche & Pontalis, 1967/1991, p. 70).

De certa forma, trata-se de representações com as quais o sujeito toma seu lugar de sujeito desejante em relação a objetos de desejo. Por esse motivo, o complexo deve ser entendido enquanto organizador do desenvolvimento psíquico (Lacan, 1938/1985), e envolve fantasias, investimentos pulsionais, modelos de objetos e de relação de objeto, identificações, imagos, mecanismos de defesa, etc. (Kaës, 2011).

O mais conhecido exemplo de complexo é o Complexo de Édipo, que faz referência à lenda grega de Édipo, e que pode ser definido como um “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (Laplanche & Pontalis, 1967/1991, p. 77). Envolve uma dinâmica triangular, criança-mãe-pai, e é marcado pelo conflito, posicionando a criança simbolicamente enquanto desejante da mãe e nutrindo impulsos hostis contra o pai (no caso clássico do menino) (Garcia-Roza, 1994). Diante da proibição do incesto, que impossibilita a realização do desejo pela mãe, ocorre então o período de latência, para depois o desejo ser revivido na puberdade de outra forma, em algum tipo de escolha de objeto possível (Laplanche & Pontalis, 1991).

Outro Complexo familiar estruturante da psique é o Complexo Fraternal, que consiste em uma organização psíquica dos desejos amorosos inconscientes – narcísicos e objetais – do sujeito em relação a um “outro” semelhante e diferente que reconhece como irmão ou irmã. É caracterizado pelo ódio, amor, ambivalência e identificação, e se organiza de modo diferente de acordo com: a posição do sujeito na fratria, o sexo, a diferença de idade e a configuração do complexo fraternal dos pais (Kaës, 2011). Alguns dos fantasmas a ele relacionados incluem o da gemelaridade (irmão como um duplo, maravilhoso/idealizado ou um duplo terrível/ameaçador da identidade), que pode implicar também em uma situação na qual só há uma possibilidade para os dois, por exemplo, se um irmão é belo, o outro não é, se um é inteligente, o outro não é

(Kancyper, 2019), o que parece se aproximar da descrição do fenômeno da “*deidentification*”, conforme anteriormente descrito. Outros fantasmas seriam ainda o do incesto (desejo entre irmãos) e da bissexualidade (que pode envolver uma não diferenciação entre os sexos, uma defesa diante da castração, ou uma fantasia de desejo pelo mesmo sexo) (Kaës, 2011).

Assim como o Complexo de Édipo, se refere também ao “destino” da formação do sujeito, estruturando um modelo da formação das instâncias ideais, das identificações e da escolha dos objetos de desejo. Desta forma, inscreve na psique do sujeito as posições relacionais ocupadas por ele — no caso do complexo fraterno, uma dinâmica inconsciente envolvendo o eu, irmão/irmã e o terceiro termo. Porém, uma diferença marcante entre o Complexo de Édipo e o Complexo Fraterno diz respeito ao eixo: enquanto o Complexo de Édipo se refere a um eixo vertical relacional, ligando sexualidade e diferença geracional, o Complexo Fraterno está relacionado a um eixo mais horizontalizado da estruturação, ligado a um outro, semelhante, intruso e/ou rival — o que implica em efeitos distintos (Kaës, 2011).

De acordo com Kancyper (2019), o Complexo Fraterno pode ser um deslocamento do edípico, no processo de desenvolvimento progressivo dos investimentos de objeto rumo à exogamia (isto é, a objetos fora do círculo familiar). Entretanto, o complexo em tela também pode “encobrir parcial ou totalmente a estrutura edípica, gerando confusão e superposição de papéis e, como consequência, perturbando gravemente o processo de identidade” (Kancyper, 2019, p. 12).

2.1. Primeiras citações de Freud ao Complexo Fraterno

Freud trata do Complexo Fraterno sobretudo indiretamente, como pela denominação de “complexo familiar”, abordando suas consequências desde 1895, no caso do Homem dos Lobos (1917-1920) e no caso de Hans (1909), mas utilizando a denominação Complexo Fraterno (“*der Geschwisterkomplex*”) aparentemente apenas uma vez em 1922 (Kaës, 2011). Trabalha em obras como *Totem e tabu* (1912-1913) a questão do tabu do incesto entre irmãos, da fantasia de incesto e das relações de grupo; e, por volta de 1920, a função da irmã e do irmão na escolha do objeto de amor e na escolha vocacional. Há, sobretudo, uma reflexão marcante de Freud em 1916, em que afirma que a posição da criança dentro da série dos filhos é um fator relevante para

a conformação de sua vida ulterior, e sempre é preciso levar isso em conta na descrição de uma vida (Goi, 2014). Porém, Freud não desenvolve a organização, função e conteúdos deste complexo.

2.2. Contribuições de Lacan

Alguns dos autores que mais desenvolveram teoricamente sobre o complexo entre irmãos incluíram Alfred Adler (1870-1937), Melanie Klein (1882-1960) e Jacques Lacan (1901-1981). Lacan (1938/1985) descreve, em seu texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, o Complexo Fraternal a partir do paradigma do Complexo do Intruso, que representa a experiência do sujeito primitivo quando se reconhece entre irmãos. No estágio em que ocorre o complexo do intruso, que envolve invariavelmente algum grau de identificação, o irmão seria muitas vezes o objeto eletivo das exigências homossexuais da libido, e então se confunde no objeto irmão as relações de amor e de identificação.

Identificação pode ser entendida como um “fazer como”, “a partir de tipos ideais que servem de modelo e de polo de orientação para os modos de desejar, julgar e agir” (Safatle, 2021, p. 22). Dessa forma, entende-se que a constituição da subjetividade é um processo que implica na internalização de modelos ideais socialmente reconhecidos que podem aparecer em figuras familiares, como irmãos, e envolve conflitos e inevitavelmente alienação, pois estrutura o desenvolvimento do Eu nos moldes do outro (Safatle, 2021). É de forma similar que Lacan (1938/1985) compreende que o irmão, em especial o mais velho (e/ou primogênito), proporciona o modelo arcaico do eu, a partir do qual se faz a síntese do eu, e quanto mais se conformam os modelos e as pulsões do sujeito, “mais feliz é a síntese do ego” (Lacan, 1938/1985, p. 44). Porém a diversidade do grupo familiar, idades e sexos, pode levar às mais discordantes identificações do eu, isto é, a uma internalização profundamente conflitual.

Abordar a identificação como aspecto fundamental das relações fraternas, e não a rivalidade, se mostra importante à medida em que se compreende que, para Lacan (1985), “o ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (p. 43). O afeto do ciúme, então, vai para além da situação clássica edipiana, triangulada, de investimento objetal, pois seria anterior a ela. O ciúme representa a identificação, a mesma identificação que coloca o irmão mais velho como

modelo arcaico para a síntese do eu, em uma dinâmica dupla de formação, introjeção e hostilidade.

2.3. Outras contribuições

No âmbito contemporâneo, o psicanalista argentino Luis Kancyper se aprofundou no estudo prático e teórico do Complexo Fraternal. Muito de sua pesquisa sobre o tema se concentra em análises literárias de mitos, de grandes figuras, de gêmeos, ou de crianças no processo de luto de um irmão, que podem ser considerados como casos mais “diferenciados” de relações entre irmãos. Também trouxe em seu livro, *O complexo fraternal: estudo psicanalítico* (2019), alguns pontos relevantes sobre o tema, a começar sobre alguns conflitos inter- e intrassubjetivos que costumam sustentar relações desarmoniosas entre irmãos, como: sentimentos inconscientes e conscientes de culpa; relação sadomasoquista entre eu e eu ideal, ideal de eu e supereu; defesas contra a elaboração do complexo de Édipo; feridas na crença narcisista de onipotência; entre outros. Por outro lado, feridas narcísicas precoces, como ocasionadas por carência materna, podem reforçar o vínculo fraternal, compensando o desamparo, assim como podem possibilitar a confrontação geracional (Kancyper, 2019).

Kancyper (2019) traz, sinteticamente, quatro funções do Complexo Fraternal: *Substitutiva*, a qual visa compensar funções parentais insuficientes; *Defensiva*, a qual busca defender o sujeito de conflitos edípicos e/ou narcísicos; *Elaborativa*, a qual ajuda a elaborar e superar dinâmicas narcísicas e edípicas; e *Estruturante*, cujo papel é o de ser estruturador e organizador psíquico, a partir de sua influência nos processos identificatórios do eu e nos grupos, na constituição do supereu e do ideal do eu, e na escolha de objeto de amor. A função compensatória do desamparo da ausência de pais, e a função substitutiva reconhecida por Kancyper (2019) pelo Complexo Fraternal, podem se relacionar com a função estruturante aludida acima. Em tal caso, através da identificação, os irmãos mais velhos serviriam de modelo ao ideal do eu, podendo eles ou um deles exercer a referência do ideal.

Em suma, compreendendo-se que o Complexo Fraternal desempenha um papel estruturante na organização psíquica, e que existem lacunas de pesquisas neste tema, consideramos que seu estudo poderia trazer uma maior compreensão de como a figura dos irmãos mais velhos pode atuar na formação da subjetividade do irmão mais novo,

que já interage desde o princípio da vida em uma dinâmica familiar com a presença de irmãos, tendo como foco: a posição e a formação do eu (identificações e oposições/"*deidentification*"); o ideal do eu; e a influência da figura dos irmãos nas escolhas objetais. Ao lado disso, buscou-se compreender também o contexto familiar geral e como se associa às relações entre irmãos.

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

Compreender como as relações entre irmãos concorrem para a formação da subjetividade a partir do ponto de vista do irmão mais novo, e como isso se insere na dinâmica familiar geral.

3.2. Objetivos específicos

Pretendeu-se explorar:

- a) A posição dos irmãos em relação aos pais;
- b) Traços de identificação e de oposição/diferenciação/"*deidentification*" do eu com relação a irmãos mais velhos;
- c) O papel da figura do irmão mais velho na formação dos ideais (ideal do eu);
- d) A influência da figura do irmão mais velho nas escolhas de objeto.

4. Metodologia

4.1. Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que pode ser definida como um tipo de pesquisa que busca investigar fenômenos dentro de seus contextos naturais, assim como entender ou interpretar os significados que as pessoas atribuem às suas experiências (Denzin & Lincoln, 2011). As abordagens possíveis na pesquisa qualitativa são inúmeras, com uma diversidade de paradigmas, métodos e estratégias interpretativas, gerando muitas vezes a junção de métodos e/ou a criação de instrumentos específicos para coleta e análise de dados (Denzin & Lincoln, 2011).

4.2. Abordagem

A abordagem utilizada foi o método denominado "*free association narrative*

interview” (FANI), ou método de entrevista narrativa de associação livre (tradução da autora). Esse método busca compreender subjetividades através da narrativa e expressões, e defender um tipo de entrevista que não se resume ao modelo “perguntas e respostas” (Hollway & Jefferson, 2008). Isso se dá pelo entendimento de que a responsabilidade do entrevistador seria mais a de ser um bom ouvinte, enquanto ao entrevistado seria atribuído o papel de contador de histórias, deixando, portanto, a entrevista aberta ao desenvolvimento e à mudança, seguindo as associações do próprio narrador (Hollway & Jefferson, 2008).

Também de acordo com Hollway e Jefferson (2008), esse tipo de entrevista critica pressupostos assumidos pela maior parte das entrevistas de pesquisas qualitativas, que consideram, por exemplo, que os entrevistados são transparentes para si mesmos, que podem dizer as coisas como elas são, e que as palavras têm o mesmo significado para entrevistador e entrevistado. Em outros termos, critica a ideia subjacente de um “sujeito racional unitário”, e uma suposta transparência da linguagem – ambos pressupostos que contrastam também com a teoria psicanalítica em geral, que concebe o sujeito como sendo múltiplo e conflitante, afetado por forças inconscientes e defesas (Hollway & Jefferson, 2008).

A narrativa ocupa um lugar privilegiado neste tipo de entrevista por conta da compreensão de que narrativas seriam a forma primária de significação da experiência humana, e que basearia então todo pensamento e tomada de decisões, assim como a formação da própria identidade (*self*) (Hollway & Jefferson, 2008). Junto a isso, são pontos importantes a busca pela livre associação do entrevistado, que pressupõe que conexões e significados inconscientes poderiam se expressar por meio dos vínculos que as pessoas fazem se forem livres para estruturar suas próprias narrativas, e o uso de perguntas abertas em detrimento de fechadas. Da mesma maneira, esse método compreende que pesquisar não é uma ação passível de neutralidade, e, portanto, o pesquisador deve examinar seu envolvimento subjetivo para que possa interpretar os dados da entrevista, abarcando a reflexividade possível do método de entrevista, mas considerando a subjetividade, com forças também inconscientes e conflitantes (Hollway & Jefferson, 2008).

Algumas questões, porém, inevitavelmente surgem acerca da confiabilidade e

validade de um método de pesquisa narrativo para investigar o mundo, e a posição assumida por Hollway e Jefferson (2008) é a mesma desta pesquisa, qual seja, a de assumir como objeto de pesquisa não os fatos materiais do mundo, mas as pessoas que narram estes fatos e, portanto, conhecer suas narrativas permite que se conheça mais sobre elas, mesmo entendendo que o relato não é transparente. A ausência de transparência, característica inalienável da linguagem, revela muito sobre o funcionamento de uma pessoa (Hollway & Jefferson, 2008).

4.3. Amostragem

4.3.1. Perfil dos participantes

Critérios de inclusão:

- (a) Pessoas maiores de 18 anos;
- (b) Ter irmão, irmã ou irmãos biológicos, especificamente mais velhos;
- (c) Ter convivido na mesma casa a maior parte da infância e adolescência com esse(s) irmão(s);
- (d) Pelo menos um irmão apresentar uma diferença de idade menor que cinco anos com relação à pessoa;
- (e) Ter tido mãe e pai biológicos presentes na maior parte da infância e adolescência, tenham sido eles divorciados ou não;
- (f) Apresentar relato de identificação/idealização/admiração ou de rivalidade com algum irmão, ou ambos. No caso desta pesquisa, se buscará um participante que relate identificação/idealização/admiração e um participante que relate rivalidade ou similares.

Critérios de exclusão:

- (a) Pessoas que não tinham irmãos biológicos mais velhos;
- (b) Pessoas que tinham irmão(s) mais velho(s) com o(s) qual/quais não conviveram a maior parte do tempo na mesma casa;
- (c) Ter somente irmão(s) mais velho(s) que tenham mais de cinco anos de diferença;
- (d) Não tinham os irmãos convivido com os dois pais presentes de alguma forma na

maior parte da infância e adolescência.

4.3.2. Tamanho da amostra

Foram entrevistadas duas pessoas nesta pesquisa, sendo: 1) uma que relatou como algo marcante na relação com a(o) irmã(o) mais velha/o certa idealização, admiração, identificação ou amor; e 2) outra que relatou como algo marcante dessa relação a rivalidade, a irritação, a raiva ou similares, para que se possa compreender essas duas formas de manifestação do complexo fraterno, que podemos classificar como opostas ou, pelo menos, distintas. Ter um número baixo de participantes é algo comum na pesquisa qualitativa, por se interessar mais pela profundidade de cada entrevista, buscando explorar cada narrativa com sua história e significados, ao invés da quantidade de participantes (Creswell, 2013). Importante frisar que, mesmo buscando participantes que ressaltem estas “polaridades”, foi esperada ambiguidade na narrativa, isto é, a presença de ambas as dimensões de alguma forma no complexo fraterno dos dois participantes, especialmente com o transcurso das sessões de entrevista.

4.3.3. Recrutamento dos participantes

Os participantes foram recrutados por meio da divulgação da pesquisa em redes sociais, como grupos do *Facebook*.

4.3.4. Estratégia de amostragem

Foi utilizada uma estratégia de amostragem comum na pesquisa qualitativa, chamada de “variação máxima” (ou “*Maximum Variation*”) que consiste em selecionar os participantes de pesquisa a partir da diferença entre eles com relação a algum critério específico (Creswell, 2013). No caso, o critério é o relato inicial dos participantes sobre sua relação com algum irmão, buscando um participante que destaque a idealização, admiração, identificação ou amor; e outro participante que destaque a rivalidade, a irritação ou a raiva. Essa estratégia foi escolhida por favorecer o encontro

de diferentes manifestações e perspectivas de um mesmo fenômeno (Creswell, 2013).

Também foi utilizada a estratégia chamada de “Intensity” (Creswell, 2013), que envolve a busca de casos que manifestem o fenômeno intensamente, embora não de forma extrema, pois seriam casos ricos em informações acerca de um fenômeno. Isso também foi buscado através do relato inicial no formulário que, embora breve, pode dar indícios importantes de intensidade, além de que, talvez, o próprio convite para uma pesquisa cujo tema é irmãos chame a atenção de pessoas que se conectem com o tema com mais intensidade, isto é, que se mobilizem com este tema.

4.4. Procedimentos de coleta, gravação e armazenamento dos dados

4.4.1. Procedimento de coleta

A coleta de dados foi realizada em duas etapas:

Primeiramente, a divulgação da pesquisa e recrutamento de participantes através de formulário do Google *forms* (Anexo 2) contendo o termo de consentimento livre e esclarecido TCLE (Anexo 1) na primeira página e, caso lido e aceito, perguntas para ter certeza de que o interessado se enquadrava em todos os critérios de inclusão para poder participar da pesquisa. Além disso, houve uma questão aberta ao final, para que essa pessoa relatasse inicialmente, de forma sucinta, o que marca sua relação com o(s) irmão(s) que se encaixa(m) nos critérios. Esse primeiro relato foi utilizado para selecionar os dois participantes distintos, de acordo com a estratégia de amostragem de variação máxima.

Caso a pessoa tenha selecionado “Não li/não entendi o TCLE/não aceito participar”, foi conduzida ao final do formulário, podendo entrar em contato de acordo com as formas disponibilizadas no TCLE, caso não tivesse entendido algo e quisesse tirar eventuais dúvidas. Aos participantes da pesquisa, foi garantido o direito de não responder a qualquer questão, não havendo perguntas obrigatórias no questionário, assim como a não necessidade de explicação ou justificativa para tal. Os participantes puderam também, a qualquer momento, decidir parar de participar, retirar seu consentimento de participação e consentimento de utilização dos seus dados.

A segunda etapa se deu a partir da seleção dos participantes, em que foram agendadas entrevistas narrativas de associação livre presenciais de acordo com a disponibilidade de ambos, entrevistador e participante. Foram previstas de duas a quatro sessões de entrevistas com cada participante, a depender da necessidade, que foram realizadas com uso de máscara (cirúrgica ou PFF2), no Serviço Escola em Psicologia (SEPsi) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Entre cada sessão, foi realizada uma supervisão da entrevistadora com o orientador da pesquisa.

A técnica de coleta de dados foi a entrevista narrativa de associação livre, também de acordo com o método *“free association narrative interview”* (FANI). Esse tipo de entrevista, como já descrito acima, privilegia a narrativa do participante, e é aberta ao desenvolvimento e à mudança, seguindo as associações do próprio narrador (Hollway & Jefferson, 2008).

4.4.2. Gravação e armazenamento dos dados

Foram realizadas gravações do áudio das entrevistas em um dispositivo *smartphone*, para posterior transcrição e análise de dados. Elas foram transferidas e armazenadas, assim como as respostas aos questionários e as transcrições, em um *notebook*, cujo acesso ficou restrito unicamente aos pesquisadores. Esses dados foram, após o armazenamento, excluídos de qualquer registro de plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem” e, em consonância à Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e à Resolução nº 01/2009 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), os dados serão mantidos em um banco de dados pelo período de cinco anos.

4.5. Técnica de análise dos dados

A análise de dados foi realizada conforme o estipulado pelo método de entrevista narrativa de associação livre, de acordo com o livro *“Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method”* de Wendy Hollway e Tony Jefferson. Esta análise de dados usa algumas técnicas, como a atenção a detalhes e contradições da narrativa, o que permite que se entenda o que é transmitido para além de um sujeito racional. Isso pode ser feito, por exemplo, com a atenção ao

contexto todo da narrativa, que permite então que se interprete certas contradições da fala a partir do contexto, do resto da narrativa da própria pessoa (Hollway & Jefferson, 2000).

A base de interpretação foi uma teoria do sujeito denominada “*theory of the defended subject*”, fundamentada na teoria psicanalítica, que entende que o sujeito produz certos discursos por conta de uma motivação crucial de defesa frente a afetos, como a angústia. Outras ferramentas incluíram o uso de reflexividade, isto é, usar a própria subjetividade para ajudar na análise, mas que deve ser sempre colocada em teste com as evidências presentes na fala do sujeito, e duas formas estruturadas de resumir um caso para futura referência: uma forma reuniu os dados, temas e ideias mais gerais das entrevistas, e a outra foram “*pen portraits*”, que incluíram notas e destaques de partes significantes, uma forma de registro mais descritiva da pessoa participante, que pudesse então ser conectada com o resumo mais geral (Hollway & Jefferson, 2000).

4.6. Materiais e recursos

Os materiais que foram utilizados para a realização desta pesquisa são: a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; b) questionário em formato de formulário do *Google*; c) *notebook*; d) *smartphone*; e) serviço de correio eletrônico da *Google (Gmail)*; f) aplicativo de mensagens instantâneas e chamada de voz *Whatsapp*, caso necessário para questões pontuais relacionadas às entrevistas.

4.7. Cuidados éticos

4.7.1. Comitê de Ética e TCLE

A pesquisa teve início mediante sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP-UFSCar) (CAAE: 61251422.0.0000.5504), e sua realização se deu em consonância com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, exarada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), de acordo com o caráter desta investigação, assim como todas as diretrizes éticas

estabelecidas pela legislação. Foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (Anexo 1) em formato eletrônico (por meio do *Google Forms*) às pessoas selecionadas, no qual foram disponibilizadas todas as informações necessárias acerca da presente pesquisa. Somente mediante o esclarecimento de dúvidas e o registro do consentimento no TCLE é que se iniciou a participação das pessoas selecionadas na pesquisa.

4.7.2. Avaliação dos riscos da pesquisa

Na participação desta pesquisa, os participantes estiveram expostos a possíveis riscos como: a) cansaço ou aborrecimento; b) desconforto ou incômodo ao narrar certas lembranças; c) algum constrangimento devido à gravação de áudio da entrevista.

Para minimizar a possibilidade de ocorrência desses riscos, foi oferecida uma atmosfera acolhedora, reafirmando no início a liberdade dos participantes para fazer pausas, mudar de assunto, retomar a entrevista em outro dia ou decidir suspender sua participação na pesquisa a qualquer momento. Além disso, foram empregadas técnicas de psicoterapia de apoio de orientação analítica nas entrevistas, e elas foram supervisionadas pelo orientador, que possui experiência em clínica psicológica.

Ressalta-se ainda que, tanto no recrutamento quanto no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o participante foi informado sobre as entrevistas, e constou no TCLE que teriam o áudio gravado.

4.7.3. Avaliação dos benefícios da pesquisa

Da mesma maneira, os participantes puderam ter benefícios com a participação na pesquisa.

- *Benefícios diretos:* a) possibilidade de expressão, por texto e por fala; b) acolhimento das vivências pessoais do participante; c) possibilidade de refletir e elaborar sobre sua relação com seus irmãos e/ou seus pais; d) possibilidade de olhar experiências de outro ponto de vista durante e ao fim das entrevistas.
- *Benefícios indiretos:* a) produção de conhecimento científico acerca das relações

entre irmãos em sujeitos contemporâneos; b) contribuição para outras pesquisas sobre subjetividade, fraternidade e/ou dinâmicas relacionais familiares.

5. Resultados e primeiras análises das Entrevistas Narrativas

Como o complexo fraterno se constitui de maneira singular para cada sujeito, na presente pesquisa os resultados dos participantes foram apresentados separadamente a fim de explorar suas especificidades. Algumas análises parciais já são elaboradas em conjunto com os resultados, sendo posteriormente aprofundadas no tópico de análise geral.

5. 1. Participante A.

O participante A. é um homem, pós-graduando, que tem um irmão quatro anos mais velho que ele. Foi selecionado com base em sua resposta ao formulário inicial, descrevendo uma relação conflituosa com o irmão, embora o descreva também como “divertido”. Foram realizadas com ele duas sessões de entrevista.

5. 1. 1. Dinâmica familiar geral

O núcleo familiar de A. é composto por ele, o pai, a mãe e dois irmãos (um quatro anos mais velho e outro sete anos mais velho). De acordo com as delimitações desta pesquisa, focaremos apenas na relação entre A. e seu irmão cinco anos mais velho.

O pai foi descrito como uma figura difícil, imprevisível, que briga facilmente e tem expectativas muito definidas de como os filhos devem ser: eles devem, por exemplo, trabalhar na mesma área profissional que ele. Seu temperamento foi apontado como a razão pela qual os filhos se afastaram dele, embora inicialmente todos tenham tentado receber seu amor e reconhecimento, alguns por mais tempo (como A.) e outros menos (como seu irmão). Na infância e início da adolescência, o pai nutriu muitas expectativas com relação a esse irmão, que demonstrava ser muito inteligente e ter grande potencial nos estudos

Como aponta o participante: “o meu irmão, do meio, ele foi xodozinho do meu pai até ele se rebelar, digamos assim”. A revolta se expressou na desistência dos

estudos, e se deu quando esse irmão tirou a primeira nota vermelha, sendo proibido pelo pai de ir ao *show* de um artista de que gostava. Segundo A., o seu irmão queixava-se de não ter tido nenhum reconhecimento, nem de seus professores, nem de seus pais, sendo inclusive punido injustamente diversas vezes no ambiente escolar na época em que se esforçava: “da minha interpretação, o meu irmão jogou tudo meio pra cima por falta de reconhecimento”. A partir de então, se alienou das expectativas do pai, não se empenhando mais nos estudos e agindo contrariamente a muitos dos valores familiares. Em outras palavras, desistiu da busca pelo reconhecimento dos pais.

A. buscou manter sua relação com o pai por mais tempo, tentando trabalhar com ele. A razão atribuída a deixar de trabalhar com o pai foram as brigas no dia a dia, de maneira imprevisível: “eu não consigo achar um padrão. Se eu tento conversar com meu pai, eu tenho que manter uma distância, assim, saudável, porque senão ele começa a brigar com coisas aleatórias”. O participante recebeu, então, o diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada, iniciou tratamento com uma psicóloga e, promovendo distância em relação ao seu pai, os sintomas melhoraram.

Em contraste, o participante teve uma relação muito próxima com sua mãe, formando por vezes uma “dupla” com ela na dinâmica familiar. A mãe oferecia certo reconhecimento em relação aos estudos, e A. conta que só continuou na carreira acadêmica, fazendo graduação e pós-graduação, devido ao reconhecimento de alguns professores e de sua mãe. Apesar disso, no que concerne à descrição da dinâmica familiar, a mãe não foi uma figura tão citada. A relação entre ela e o pai foi descrita como sendo uma interação não romântica, levando à concepção de A. de que eles são bons parceiros, mas não exatamente um casal: “eles têm uma boa relação de parceria, digamos assim, eles não são aquele caszinho romântico”.

5. 1. 2. Dinâmica Fraternal

Um dos únicos pontos em que A. se aproxima do irmão é a ligação com os estudos. Ele aponta que na infância e adolescência o irmão manifestava grande potencial intelectual: “na minha fase de crescimento, ele era meio que o irmão bom na escola. Eu era, tipo, bom na escola também, mas ele era bom na escola”. Porém, como já explicitado, essa característica sofreu grande mudança na adolescência, com a revolta

de seu irmão, enquanto A. continuou seguindo esse caminho: “eu sou tipo uma versão do meu irmão, só que continua *nerd*”.

No restante, A. descreveu ele próprio e o irmão como muito distintos, talvez até opostos em diversos aspectos. Para esclarecer, se torna relevante evocar os valores familiares que foram caracterizados em seu discurso.

Sua mãe valoriza ficar e cuidar da casa, realizar as refeições em família, ir à missa e ter empatia com os outros. A. afirma se sentir semelhante à mãe: ele fica mais em casa, a ajuda com as tarefas domésticas, faz as refeições junto com ela, às vezes a acompanha à missa, e diz ter empatia em relação às pessoas. Seu irmão, em contraste, gosta de sair de casa todos os dias, não ajuda com as tarefas domésticas, raras vezes come junto, não vai à missa e apresenta dificuldades em ser empático com os outros, como, por exemplo, com a mãe de sua filha.

Ambos os pais nutrem expectativas de que os filhos se dediquem à educação, no sentido, por exemplo, de tirarem boas notas na escola. Entretanto, tais expectativas são transmitidas de forma predominantemente agressiva, e sem haver reconhecimento em relação aos esforços singulares. A esse respeito, A. afirma, sobre o pai: “ele não sabe elogiar, sabe brigar”. Outro valor, ligado à educação, mas referente sobretudo ao profissional, consiste em o pai desejar que seus filhos trabalhem na mesma área que ele. Apesar de ter sido insistente, seu desejo foi frustrado: nenhum dos filhos seguiu sua carreira. Isso revela que as expectativas do pai, ao invés de dirigirem os filhos por um caminho – o seu caminho –, acabaram por afastá-los.

Ambos os irmãos competiram no decorrer do desenvolvimento pelo reconhecimento dos pais, sendo que o participante teve a “sorte” de ter sido mais próximo da mãe na dinâmica familiar, que valorizava seus esforços nos estudos. O irmão se aproximou mais do pai, e ele não pareceu oferecer o reconhecimento necessário. Pelo contrário, o irmão chegou a, de certa forma, “desistir” de buscar o reconhecimento dos pais, se opondo a seus valores: desistiu de se realizar pelos estudos e passou a frequentar bares diariamente e a se relacionar com diversas mulheres.

Outras diferenças ressaltadas foram acerca de relacionamentos. O participante descreveu o irmão como alguém que tem muitos amigos, mas raramente com profundidade, e que se relaciona com muitas pessoas, “uma mulher por noite”, mas com muito desligamento no que se refere a sentimentos românticos. Uma das pessoas

que ele mais conversa profundamente é com A. Já o participante tem algumas amizades um tanto profundas, e não tem desejo sexual. Relacionou-se sexualmente apenas uma vez sem muita intenção, quase “sem perceber”, e diz se apaixonar, embora raramente. A questão relacional deve ser considerada sempre intrincada com a relação dos pais, que parece ser mais próxima de uma amizade aos olhos do participante – uma parceria sem desejo romântico ou fruição de tempo de qualidade: “não vejo neles assim uma troca de carinho tão romântica, sabe, um abraço, passar um momento juntos”.

Um desenvolvimento que chama atenção consiste na idealização de A. com relação ao seu irmão a partir do atributo da inteligência, por possuir um potencial enorme para os estudos. Porém, a desistência do irmão dessa trajetória pareceu desencadear frustração para o participante, que recriminou o irmão por isso diversas vezes nas entrevistas. Além da frustração, o participante repetiu muitas vezes as críticas ao irmão de forma animada, junto da exemplificação de decisões que ele considera erradas. Isso sugere haver alguma satisfação para o participante no ato de rebaixar seu irmão.

Pode-se entender esse comportamento na dinâmica de sua família, pois, sendo raro o reconhecimento dos pais, se fazia ainda mais necessária a disputa entre os irmãos. Ao rebaixar o irmão mais velho, o participante se elevaria ao tão desejado reconhecimento. E, de certa forma, isso funcionou: ele ganhou reconhecimento da mãe, assim como se alinha a ela para, juntos, criticarem as ações do irmão.

5. 2. Participante B.

A participante B. é mulher, graduanda, que tem um irmão três anos mais velho que ela. Foi selecionada a partir de sua resposta ao formulário inicial, que descrevia uma relação fraterna marcada por sentimentos de admiração. Foram realizadas duas sessões de entrevista.

5. 2. 1. Dinâmica familiar geral

O núcleo familiar da participante B. é composto por pai, mãe, irmão mais velho e ela. Em sua narrativa, o pai foi descrito como um integrante cuja opinião exercia grande influência nos outros familiares. Como exemplo, ela evocou uma situação na qual o perfeccionismo do pai com relação a desenhos fez com que B. deixasse de desenhar: “E

aí, quando eu comecei a desenhar, ele criticava meus desenhos. Aí eu parei, nunca mais desenhei também. Aí acontece essas coisas, dele julgar uma coisa, aí a gente ficar ‘nossa, que merda né, realmente, vou parar de fazer’”. O perfil de seu pai era de um homem mais velho, alcoolista, fã de esportes, trabalhador em comércio boa parte da vida e sem ensino superior. Seus interesses se voltam, sobretudo, para atividades mais práticas.

O complexo fraterno deste pai parece ter tido grande influência em sua vida e na de seus filhos. B. afirmou crescer com o discurso de seu pai sobre ele ter sofrido muito pela criação diferenciada entre ele e seu irmão mais velho. O irmão era e ainda é o preferido pela mãe deles, e o pai procura não repetir esta dinâmica com seus filhos: “meus pais sempre criaram a gente meio que, tentou criar igual, porque meu pai sofreu muito com isso na vida dele, de ter uma criação diferente do irmão, de se sentir mal por causa disso”. Uma válida tentativa, a que B. já informa que acha que não acontece exatamente da forma esperada: “querendo ou não, ele acaba fazendo uma diferenciação sem perceber, mas eu acho que isso é meio inevitável”. Seu pai tenta reafirmar por vezes que isso não é mais uma questão para ele, mas B. diz sentir nele uma mágoa muito forte, e que em diversos momentos ele fala e reclama muito sobre essa dor, que o atravessa há tanto tempo.

Curiosamente, B. descreve muitos incômodos de seu pai em relação ao seu filho mais velho, o que suscita associações de que talvez tenha projetado, sem perceber, as mágoas em relação ao seu irmão mais velho dentro da fratria, mais especificamente em seu filho mais velho. Há outros pontos em jogo, porém. O primeiro seria um ideal de masculinidade que o genitor tinha com a vinda de seu primeiro filho, ideal este frustrado por ele, que não se enquadra nos padrões de masculinidade do pai, como a prática de esportes: “meu pai sempre ficou muito incomodado com o jeito dele, tipo, dele ser mais, dele não ser tão, igual ele achava que um cara deveria ser na época dele”. O filho não se enquadrar nas expectativas foi a causa de diversas brigas entre ambos, de acordo com B. Esse pai era mais próximo da participante, que se dedicou muito a agradá-lo através dos esportes, chegando a tentar fazer disso sua carreira profissional: “eu comecei a fazer esporte desde cedo, porque meu pai sempre fez esporte desde cedo. Aí ele ficava super orgulhoso de mim e tal. Tanto que eu levei isso pra vida né, fui jogar fora, fui tentar carreira profissional”.

A mãe é descrita de forma bem breve, como uma “mulher-maravilha”, uma pessoa muito dedicada ao cuidado dos filhos, e mais flexível. Foi mais próxima do seu filho por conseguir acessá-lo, entendendo que sua forma de ser era distinta do esperado. Mas nem tão próxima também: B. descreve ser mais próxima de ambos os pais, em comparação com o irmão. Este último parece ter buscado relações significativas fora da família, que reconhecessem sua forma de ser, como professores e colegas. De fato, ele teve relacionamentos fortes e estáveis com um grupo específico de colegas de escola com quem se identificava, e este grupo se mantém até hoje, sendo para quem ele pede ajuda quando precisa.

5. 2. 2. Dinâmica Fraternal

B. afirmou, na primeira entrevista, como o irmão e ela são distintos: “ele é muito diferente de mim né, eu sou super ativa, super mandona e meio autoritária e ele é bem passivo”. Sua caracterização como uma pessoa “ativa” se dá por ela ser fã de esportes e ‘tomar iniciativa na vida’. Já a caracterização do irmão como “passivo” se dá principalmente por ele ter afinidade com atividades intelectuais, como ler e discutir ideias e, ainda de acordo com ela, não ir “atrás das coisas”.

Ao longo de nossas conversas, foi possível observar que, apesar de narrar essa dicotomia, contraditoriamente também dizia como ele era ativo na busca por conhecimento, indo atrás de entender melhor sobre diversos assuntos, pensando e lendo. Ela se sentia mal por não apresentar esse lado intelectual, esse ímpeto de buscar como ele. Quando falava sobre si, essa contradição se mostrava novamente: ao mesmo tempo em que ela se define como ativa, fala de sua passividade na busca por conhecimento. A diferença entre eles não estava, desta forma, bem definida.

Conclui-se, desta maneira, que os irmãos são opostos, pois nas áreas em que um apresenta desenvoltura, o outro não apresenta, e vice-versa: ela é mais ativa no que é ligado a mover o corpo, o físico, e mais passiva no que se relaciona ao conhecimento teórico; e ele é mais ativo no que tange ao conhecimento teórico, literatura e desenvolvimento de ideias, e mais passivo em atividades corporais. Nas palavras de B.:

Toda a calma que parece que ele tem por fora, por dentro ele não tem. Tipo, ele tá sempre muito imerso nas próprias ideias, no mundo dele, assim. E aí eu acho que isso é muito diferente entre a gente. A coisa mais fácil pra mim é ficar sem pensar, sabe, ficar meio, meio tranquila. Ele é muito assim, ele fala: ‘nossa, mas tem tanta coisa que eu quero fazer, tanta coisa que eu quero, sei

lá, estudar e entender', e aí, sempre que surge qualquer mínima oportunidade, ele tá sabendo sobre aquilo e indo atrás daquilo. É uma coisa que me cansa só de pensar, assim, geralmente as coisas passam por mim e eu fico: 'ah, depois eu vejo isso' e 'não vou atrás disso'.

Comentando com a participante sobre essas contradições, ela concordou:

Eu acho que, tipo, é o meu olhar, o olhar da família sobre ele, sobre o que a gente espera que ele seja, e eu acho que ele já teve momentos de mais passividade mesmo. Eu acho que foi nos momentos mais pontuais.

A imagem que a participante concebe sobre o irmão é moldada pelos valores parentais, como ela demonstrou, desvalorizando o irmão a partir de suas (dele) características que não estão de acordo com as expectativas dos pais. B. trouxe, posteriormente, que a partir das entrevistas realizadas, tem tentado julgar menos o irmão a partir dos valores dos seus pais, pois imagina que isso teve relação com seu afastamento do núcleo familiar:

Eu tento não ser tão desse jeito assim com ele, pra não afastar ele de mim, porque eu acho que foi uma das coisas que deve ter feito ele se afastar tanto, do meu pai e da minha mãe, principalmente do meu pai.

Ainda no que se refere às reflexões sobre a família e o irmão suscitadas pela entrevista, B. afirmou que "essa é uma das coisas que faz eu me sentir meio mal, por eu ter feito isso bastante tempo também". Percebe-se a presença do sentimento de culpa, expresso pela fala "sentir meio mal", que possivelmente está relacionado com uma satisfação em atestar, aos pais, que o irmão não se encaixava no que ele deveria ser. Essa seria uma forma de "ganhar" o amor parental: "Que nem tipo, quando eu era criança, era assim, tipo, ele era mais desligadão e tal, aí eu já ficava mais esperta porque quando eu era pequena eu queria agradar meus pais, né".

Defrontando-se com outras questões, a primeira descrição que B. esboçou acerca da relação entre ela e o irmão foi de terem muita proximidade. Ao longo de sua narrativa foi possível, contudo, perceber que em muitos momentos isso era mais um desejo que um fato. Com efeito, ela desejava se aproximar do irmão, afirmando o afeto que sente por ele, inclusive manifestando raiva por ela precisar ter iniciativa para que eles conversem, e por ele não se interessar muito por sua (dela) vida: "se fosse por mim a gente conversava muito mais, só que, ele é fechadão, tipo, ele não vem atrás muito, não liga pra mim, não manda mensagem". A participante complementa: "eu que tenho que ir senão ele não vai, e isso é com os meus pais também: eles que têm que ligar, eles

que têm que falar, senão ele não vai atrás de ninguém”. Em seguida, declara como isso a incomoda: “ah, eu já briguei com ele por causa disso, mas agora eu meio que aceitei, assim, que é o jeito dele e tal”.

No decorrer da sua participação na pesquisa, B. descreveu mudanças na relação entre os dois. Eles conversaram sobre sua participação na pesquisa, assim como sobre alguns conhecimentos que ela estava adquirindo na Universidade. Ela descobriu novos interesses compartilhados entre ambos, favorecendo que conversassem mais.

B. já havia dito na primeira sessão da entrevista que, por vezes, se sentia mal por não se considerar tão ligada à intelectualidade quanto o irmão, e que admirava isso nele. Estando na Universidade, e em contato com textos acadêmicos, ela se aproxima de ser aquilo que admira no irmão, o que pareceu alegrá-la: “É, isso é muito foda. Porque uma coisa, eu sempre admirei muito ele, eu sempre quis ser próxima dele e parece que, agora, finalmente, a gente consegue ter um diálogo mais de igual pra igual”. Em outro momento da entrevista, a participante reforça o processo de sua aproximação com o irmão:

Eu sinto que eu faço parte, assim, da vida dele de alguma forma, de uma forma mais, mais verdadeira. Assim, não só ‘ah ela é a minha irmã’, mas ‘ela é, a minha amiga e a gente conversa e ela sabe muita coisa de mim.

Outro ponto que deve ser abordado está associado à escolha objetal, isto é, à escolha de objetos de amor. Assim como o conceito de Complexo de Édipo delineia a influência das figuras parentais nas escolhas objetais futuras, no Complexo Fraternal também se pode entender a influência das figuras fraternas nas escolhas objetais (Kancyper, 2019). Afinal, ambas as relações são de vínculos primitivos. Sobre isso, apesar de B. afirmar não sentir que o irmão a admira, ele já lhe disse, por exemplo, que sua namorada se parecia com ela, sendo falante e ativa também. Uma ligação clara em sua fala entre a irmã e a namorada.

Resumindo, a relação de B. com o irmão é composta, simultaneamente, de sentimentos hostis, estruturados pelos valores parentais, e sentimentos amorosos, expressos sobretudo quando ela se posiciona a partir de seu olhar enquanto irmã. Estes dois afetos podem ser observados em algumas falas de B. na entrevista, como:

(...) por eu ter crescido com ele sendo meu espelho, eu via as coisas que ele fazia, eu via se dava certo ou não dava, e aí eu ia vendo o que, né, tipo, cê meio que tem uma referência assim. E então nisso a gente ficou diferente, porque eu resolvi tomar atitudes diferentes das dele. Que nem, tipo, quando

eu era criança, era assim: ele era mais desligado e tal, aí eu já ficava mais esperta, porque quando eu era pequena eu queria agradar meus pais, né. E aí, como ele nunca foi assim, nunca, tipo, teve questões com isso, ele não fazia, aí eu ia lá e eu fazia. Eu fazia diferente porque eu queria que gostassem de mim e tal.

No excerto da transcrição acima, observa-se uma parte da relação fraterna, que relaciona o irmão a um espelho, localizando-o como um referencial, na qual pode ser entendida a admiração da participante, isto é, o querer ser como o irmão no que se refere ao valor “intelectualidade”. Outra parte, relacionada à dinâmica familiar conforme estruturada pela lógica parental, determina a busca por se diferenciar do irmão, tendo como referencial os valores dos pais: tornando-se aquilo que os pais esperam, sobretudo a partir dos valores que o irmão não corresponde, possibilita-lhe conquistar o amor dos pais. Esta última parte do complexo fraterno molda os julgamentos da participante com relação ao irmão. Por exemplo, a ele é atribuída a característica de “passividade”, considerada negativa aos olhos de seus pais. A oposição de imagens que ambos os irmãos adquirem nessa dinâmica se torna clara nas falas dos pais: endereçando-se ao irmão/filho, eles diziam, de acordo com as reminiscências da participante: *“ah, a B. faz desse jeito. Por que que você não faz assim também?”*.

6. Análise Geral

Tendo como base as entrevistas narrativas, houve um foco de análise nos conceitos de *“Deidentification”* e de ambivalência no complexo fraterno. A ambivalência, por sua vez, foi explorada com relação a duas formas de vínculo afetivo com o outro, que se manifestam no complexo fraterno, e que apareceram no discurso de ambos os participantes: identificação e investimento objetal.

Primeiramente, foi observada, tanto na fala de A. quanto na de B., a *“Deidentification”*, ou seja, a tendência, consciente ou não, de se definir como diferente de um irmão, para reduzir competição, estabelecer a própria identidade na família e/ou conquistar sua parte do amor e da atenção familiares (Whiteman, McHale, & Crouter, 2007). Na narrativa dos participantes, o irmão foi apontado como diferente quanto a diversas características, como exemplo, na forma de se colocar diante da vida cotidiana: se um é ativo, o outro é passivo; se um é ligado a atividades corporais, o outro é ligado a atividades intelectuais; se um segue muito as expectativas parentais, o outro se rebela diante delas. Assim, os participantes buscaram defender e sustentar uma identidade

única para si na família e conquistaram sua parte do amor parental. O complexo fraterno pode implicar também na chamada “gemelaridade”, uma configuração na qual só há uma possibilidade exclusiva para os dois: por exemplo, se um é inteligente, o outro não é (Kancyper, 2019). A gemelaridade aparece nos dois casos deste estudo, e se aproxima do fenômeno da “*deidentification*” anteriormente descrito.

De forma geral, o complexo fraterno seria uma organização psíquica de investimentos objetais inconscientes e pré-conscientes do sujeito em relação a um “outro” que reconhece como irmão ou irmã, podendo ser caracterizados por sentimentos como ódio, amor, ambivalência e/ou, também, pela identificação (Kaës, 2011). A ambivalência foi a característica que mais sobressaiu ao longo da narrativa de ambos os participantes, a qual é definida como a qualidade de dois sentimentos opostos, disjuntos, simultaneamente dirigidos ao mesmo objeto. Por exemplo, amor-hostilidade, ou amor-rivalidade. Uma das formas de ambivalência observada na experiência do complexo fraterno dos participantes, que se revela interessante de ser analisada, é constituída por duas formas de ligação afetiva na psicanálise: identificação e investimento objetal.

A primeira, a identificação, é descrita por Freud (1923/2011) como a forma mais primitiva de vínculo afetivo com outra pessoa. Esta forma de vínculo desempenha importante função no complexo de Édipo, e é essencial, também, para a estruturação do supereu e ideal do eu, formados pelas primeiras identificações, com as figuras parentais e outras figuras relevantes. Ela é uma forma de vínculo dotada de ambivalência, e envolve querer ser como o objeto de identificação e, ao mesmo tempo, querer tomar o seu lugar (hostilidade) (Passos & Polak, 2004). Para isso, o eu sofre modificações e conformações duradouras. Ainda que a identificação seja descrita como a forma mais primitiva de ligação afetiva, posteriormente é comum que ela ocorra simultaneamente ao investimento objetal (Freud, 1923/2011), e que no decorrer do tempo o eu se torne mais resistente a novas identificações.

No que tange à identificação no complexo fraterno, se torna relevante evocar o conceito de ideal do eu, que é uma instância psíquica diferenciada constituída por identificações, advindas do outro, que formam um modelo ao qual o sujeito procura se conformar (Garcia-Roza, 2009). Compreendendo este conceito, pode-se considerar que algumas identificações que formam o ideal do eu ocorrem com objetos fraternos. Isso

faz com que o eu se assemelhe àquele reconhecido como irmão. Pode ser entendido, por exemplo, que, no caso do participante A., a potencialidade intelectual de seu irmão na infância se introjetou como seu ideal do eu, e que isso tenha relação com sua escolha vocacional acadêmica.

Por outro lado, como anteriormente exposto, a identificação pode se manifestar como hostilidade, pois quando há identificação, além de querer ser como o objeto, se quer tomar o lugar do objeto tido como modelo para o eu. Em consonância a isto, Lacan (1938/1985) afirma que “o ciúme, no fundo, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (p. 43). A hostilidade seria, então, característica inerente à relação fraterna, por tomar parte no fenômeno da identificação.

Voltando às entrevistas, a identificação dos participantes com seus irmãos foi expressa em diversos momentos, em falas como: “eu sou tipo uma versão do meu irmão, só que continua *nerd*” (participante A.). E também: “por eu ter crescido com ele sendo meu espelho, eu via as coisas que ele fazia, eu via se dava certo ou não dava, e aí eu ia vendo o que, né, tipo, você meio que tem uma referência assim” (participante B.). O termo “referência”, usado por esta participante, é de muita riqueza para este contexto, pois que corresponde à compreensão de Lacan no que se refere ao complexo do intruso, isto é, de que o irmão, em especial o mais velho (e/ou primogênito), proporciona o modelo arcaico do eu (Lacan, 1938/1985). É a partir do irmão que se faz a síntese do eu, seguindo caminhos similares ou rompendo com essa referência.

Entretanto, Lacan (1938/1985), ao pensar o complexo do intruso, aprofunda sua argumentação na experiência do irmão mais velho com o nascimento do irmão mais novo. No caso deste estudo, o foco foi o contrário: irmãos mais novos com relação a irmãos mais velhos. Porém, é possível aproximar algumas descrições, porque o autor aponta que no complexo do intruso há uma confusão entre os irmãos, devido a atitudes concomitantes: torna-se difícil definir o sujeito que se identifica e o sujeito identificado, pois ambos se identificam. Um ponto relevante para este estudo, que Lacan (1938/1985) expõe, diz respeito ao amor entre irmãos, ao descrever que, no complexo do intruso, se confunde no objeto irmão as relações de identificação e de amor: ao mesmo tempo em que o irmão é um outro igual identificado, ele também é investido, por vezes, da parte homossexual da libido.

No que concerne às relações de amor, o investimento objetal, outra forma de vínculo afetivo que é observada no complexo fraterno, diz respeito ao desejo em relação a um objeto de amor (Freud, 1923/2011). No caso do complexo fraterno, ocorrem desejos incestuosos inconscientes, cuja expressão se dá através de um amor terno. As relações amorosas foram observadas na presente pesquisa, por exemplo, na busca da participante pelo amor do irmão: “eu acho que eu queria que ele me admirasse, sabe?” (participante B.), e no descontentamento em relação à distância dele: “se fosse por mim a gente conversava muito mais, só que ele é *fechado*, tipo, ele não vem atrás muito, não liga pra mim, não manda mensagem” (participante B.). Pode ser encontrado também na similaridade entre a participante e a namorada de seu irmão: “a gente se dá muito bem, e ele [irmão] fala que ela [namorada do irmão] parece eu, é engraçado isso” (participante B.).

Considerando as duas formas simultâneas de vínculo afetivo supracitadas (identificação e investimento objetal), se torna evidente a complexidade fundamental da relação fraterna, com ambivalências como identificação-investimento objetal, amor-hostilidade, semelhança-diferenciação, etc. Na dinâmica de uma família, essa duplicidade pode gerar situações em que o sujeito, ao mesmo tempo em que busca o amor do irmão, o rechaça da dinâmica familiar. Estas situações podem ser encontradas nas narrativas dos participantes deste estudo.

Com efeito, ambos os participantes apresentaram falas bastante críticas em relação aos seus respectivos irmãos mais velhos, tecendo julgamentos dentro e fora da família. Durante as entrevistas narrativas, os dois discorreram de forma repetitiva sobre as falhas de seus irmãos. No caso de um dos participantes, A. relatou que formava dupla com a genitora para juntos criticarem as decisões do irmão, e parecia animado em expor, também para a pesquisadora, as más escolhas do irmão. No caso da outra participante, B. relatou se sentir mal por ter criticado o irmão por tanto tempo, reconhecendo que ela o enxergava a partir dos olhos dos pais, destacando aquilo que não se conformava com as expectativas deles. No decorrer dos encontros com essa participante, notou-se a cristalização da imagem do irmão de uma forma negativa, como alguém passivo, a despeito dos fatos, de que aquilo que ela avidamente criticava só havia acontecido em uma época específica da vida do irmão.

Essas trocas e observações levam à hipótese de que ambos os participantes da pesquisa, de certa forma, se satisfazem com as críticas aos seus irmãos mais velhos, mesmo a participante que, inicialmente, descreveu ter uma relação “positiva” com o irmão. As críticas eram realizadas em diversos espaços, de forma repetitiva e convincente, e rebaixavam o irmão diante do olhar do outro, obtendo para si, deste jeito, o reconhecimento. Mas, ao mesmo tempo em que isso pode ser observado, é possível localizar, na narrativa de ambos, processos de identificação, de diferenciação entre o eu do participante e do seu respectivo irmão, e de admiração com relação aos irmãos mais velhos.

7. Considerações finais

O presente estudo pretendeu contribuir para o preenchimento de uma lacuna na literatura científica brasileira que diz respeito às relações que se estabelecem entre o irmão mais novo e o irmão mais velho, através do complexo fraterno; como este complexo se relaciona ao eu do irmão mais novo; e como participa na formação do seu ideal do eu, em suas escolhas objetais e em sua posição na dinâmica da família. Nas entrevistas narrativas, os participantes abordaram espontaneamente muitos dos objetivos traçados de início, sendo possível identificar elementos do complexo fraterno em seus discursos e em suas histórias.

Em que pese o fato de esta pesquisa ter alcançado importantes resultados empíricos a respeito do complexo fraterno, cabe notar que a metodologia qualitativa de entrevista narrativa apresenta limitações para a investigação deste objeto. A quantidade restrita de entrevistas, quando comparada a de sessões de uma psicoterapia psicanalítica e, especialmente, de uma psicanálise, não permite realizar uma investigação aprofundada do complexo, o qual se estrutura em grande parte no inconsciente. Acredita-se que, para isso, seria indicado um método (ou experiência) que conseguisse abarcar boa parte da história do sujeito, de sua estrutura relacional (inclusive transferencial) e de seus sintomas, como o estudo de caso de longa duração, pesquisa teórica etc.

A ciência se faz cotidianamente através de pesquisas que atingem os objetivos propostos, resolvendo problemas, e pesquisas que não atingem os objetivos propostos como era esperado. E há a graça daquelas que, não os atingindo, abrem problemas,

expõem limitações metodológicas e outra gama de possibilidades de investigação. A metodologia qualitativa, por sua vez, poderia ser repensada. Todavia, o tema deste estudo é essencial para o estudo da Psicologia e da Psicanálise, pois se mostra frequente nas organizações familiares, e, assim como outras identificações, apresenta influências fundamentais na constituição do sujeito. Para concluir, em que pese as limitações indicadas quanto ao método, é importante apontar que, não obstante a quantidade reduzida de sessões de entrevista, foi possível não apenas entrar em contato com elementos do complexo fraterno na fala dos participantes, como também propiciar, a pelo menos um deles (B.), uma reflexão ativa sobre sua relação com o irmão e sobre como seus julgamentos em relação a ele estavam, por sua vez, influenciados pelo olhar dos pais. Essa reflexão abriu condições para que a própria participante passasse por transformações que repercutiram na sua relação com o irmão.

Referências

- Amaral, Felipe Barata. (2021). **Identificação e ódio em “dois irmãos” de Milton Hatoum**. *Psicanálise & Barroco em revista*, dezembro de 2021. (v.19, n. 02).
- Brody, G. H. (2004). **Siblings' direct and indirect contributions to child development**. *Current directions in psychological science*, 13(3), pp. 124-126.
- Creswell, J. W. (2013). **Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing among five approaches**. *Sage Publications*, Third Edition, pp. 154-158.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2011). **SAGE Handbook of Qualitative Research**. *SAGE Publications*.
- Dunn, J. (1988). **The beginnings of social understanding**. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Freud, S. (2011). **O Eu e o id**. In S. Freud, Obras completas (vol. 16). *Companhia das Letras*. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). **Psicologia das massas e análise do eu**. In S. Freud, Obras completas (vol. 15). *Companhia das letras*. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2013). **Totem e tabu**. L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud S. (2014). Conferência: **O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais**. *Obras completas volume 13: Conferências introdutórias à Psicanálise*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916).

Garcia-Roza, L. A. (2009). **FREUD e o inconsciente**. Capítulo IX: O sujeito e o Eu (p.196-229). *Editora Jorge Zahar Editor*, 24a edição.

Garcia-Roza, L. A. (2008). **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. Vol. 3: Artigos de metapsicologia. *Editora Jorge Zahar Editor*.

Goi, S. B. S. (2014). **O complexo fraterno: Reflexões acerca do ciúme e da inveja entre irmãos**. *Revista Brasileira de Psicoterapia* 16(2): 49-61.

Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). **Analysing Data Produced with Defended Subjects**. In Hollway, W. & Jefferson, T. *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. SAGE Publications.

Hollway, W. & Jefferson, T. (2008). **The free association narrative interview method**. *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*, pp. 296–315.

Kaës, R. (2011). **O complexo fraterno**. *Editora idéias & letras*.

Kancyper, L. (2019). **O complexo fraterno: Estudo psicanalítico**. *Editora Blucher*.

Kramer, L. & Conger, K. J. (2009). **What we learn from our sisters and brothers: For better or for worse**. In: L. Kramer, L. & Conger, K. J. *Siblings as agents of socialization. New Directions for Child and Adolescent Development*, 126, pp. 1–12.

Lacan, J. (1985). Outros Escritos: **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Ensaio de análise de uma função em psicologia. *Jorge Zahar*. P. 29 e P.43. (Trabalho original publicado em 1938).

Laplanche, J. & Pontalis. (1991). **Vocabulário da Psicanálise**. *Editora Martins Fontes*.

Passos, M. C. & Polak, P. M. (2004). **A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família**. *Mental*, 2(3), 39-50. Recuperado em 09 de outubro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200004&lng=pt&tlng=pt.

Safatle, V. (2021). **Introdução a Jacques Lacan**. *Autêntica*.

Schachter, F. F., Shore, E., Feldman-Rotman, S., Marquis, R. E., & Campbell, S. (1976). **Sibling deidentification**. *Developmental Psychology*, 12, pp. 418–427.

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Departamento de Psicologia - DPsi

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, do Conselho Nacional de Saúde)

Você está sendo convidada(o) para participar da pesquisa de monografia intitulada “**O complexo fraterno na formação da subjetividade**”. O objetivo dessa pesquisa é compreender como as relações entre irmãos influenciam na formação da subjetividade, em especial do ponto de vista de um irmão mais novo, e como isso se insere na dinâmica familiar geral, podendo desta maneira contribuir para o conhecimento científico e discussões da área da Psicanálise e da Psicologia.

Este é um documento que atesta seu consentimento, isto é, sua livre vontade em participar desta pesquisa. Sua participação **não** é obrigatória: você pode escolher participar ou não, e **you pode parar de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo**, nem na sua relação com a pesquisadora, nem com a instituição. Você também pode retirar o consentimento de utilização dos seus dados a qualquer momento durante a realização da pesquisa enviando uma solicitação de desistência de participação, mesmo após o término da coleta de dados, através do encaminhamento de um e-mail para a pesquisadora (leticiastein@estudante.ufscar.br). Além disso, você tem o direito de não responder a quaisquer questões, as quais não serão marcadas como obrigatórias para o envio do formulário, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal.

O recrutamento dos participantes será realizado através deste formulário (cujo preenchimento é de cerca de 8 minutos), e a partir disso você poderá ser selecionado ou não como participante, a depender da adequação aos critérios da pesquisa. A coleta de dados será realizada através de **entrevistas narrativas de associação livre**

presenciais de cerca de 40 minutos, duas ou mais a depender do quanto quiser ou tiver a narrar, e da disponibilidade. Elas serão **combinadas previamente por e-mail**, de acordo com a disponibilidade da entrevistadora e do participante, e serão realizadas com o **uso de máscaras** (cirúrgicas ou PFF2) no **Serviço Escola em Psicologia (SEPsi) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)**. Ademais, as entrevistas serão gravadas para fins de análise e transcrição e, assim como os demais dados, serão salvas de modo que só os pesquisadores terão acesso a elas, sendo baixadas para um dispositivo eletrônico local, arquivadas e excluídas de qualquer registro de plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”, garantindo sua privacidade e sigilo durante e após a pesquisa. Os dados analisados podem ser divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, porém sem nenhuma forma de identificá-lo(a).

Esta pesquisa está sendo realizada por Leticia Livreri Stein Mamprin, estudante de graduação do curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e está sendo orientada pelo Prof. Dr. Leonardo C. P. Câmara, docente do Departamento de Psicologia da mesma universidade. Os riscos incluem cansaço, aborrecimento, desconforto ou incômodos ao narrar lembranças com irmãos e algum constrangimento devido à gravação do áudio da entrevista. Caso você sinta algum destes, você terá toda a liberdade de fazer pausas, escolher o que abordará, mudar de assunto, retomar a entrevista em outro dia ou decidir suspender sua participação na pesquisa. Serão empregadas técnicas de manejo da psicoterapia de apoio de orientação analítica pela pesquisadora, e as entrevistas serão supervisionadas pelo orientador, que possui experiência em clínica psicológica. Se necessário, você pode entrar em contato por telefone ou e-mail com os pesquisadores para os devidos esclarecimentos e encaminhamentos.

Você também poderá ter benefícios com a participação na pesquisa, como a possibilidade de expressão, por texto e por fala, o acolhimento das suas vivências pessoais, a possibilidade de refletir e elaborar sobre sua relação com seus irmãos e/ou pais e de olhar experiências de outro ponto de vista. Além disso, você irá contribuir com a produção de conhecimento científico acerca das relações entre irmãos, assim como com outras pesquisas sobre subjetividade, fraternidade e/ou dinâmicas relacionais

familiares.

Você não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar deste estudo, a não ser gastos com dados móveis, tendo garantia de ressarcimento de despesas decorrentes. Sendo o caso, pedimos que informe imediatamente aos pesquisadores, por e-mail, a descrição da despesa, o valor a ser compensado e seus dados bancários. Você terá direito de acessar os resultados da pesquisa e o registro do seu consentimento sempre que solicitado, recebendo uma cópia do termo de consentimento após o envio da sua resposta a este formulário caso seja selecionado como participante, mas é importante que guarde também em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico, podendo realizar isso por meio da seleção de todo o termo apertando o botão direito do mouse, e então, clicando com o botão esquerdo e selecionando a opção de imprimir, por exemplo.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar (CEP), que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do País, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. Em caso de denúncias ou reclamações relativas a questões éticas, você pode procurar o CEP-UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (ProPq), localizada na Rodovia Washington Luís, km 235, São Carlos - SP - Brasil. Caixa Postal 676, CEP 13.565-905. Telefone (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30. Você também pode procurar a CONEP, que tem função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, atuando conjuntamente com os Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições de pesquisa. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3o andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877. E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato: (Segunda a sexta das 9h às 18h)

Leticia Livreri Stein Mamprin
Departamento de Psicologia (DPsi) - UFSCar. Rua dos Pica-paus, sala 01, São Carlos - SP.
E-mail: leticiastein@estudante.ufscar.br

Prof. Dr. Leonardo C. P. Câmara
Departamento de Psicologia (DPsi) - UFSCar. Rua dos Pica-paus, sala 01, São Carlos - SP.
E-mail: lcpcamara@ufscar.br
Telefone: (16) 3351-8499

Se você tiver qualquer dúvida sobre este termo ou precisar de algum esclarecimento, por favor, entre em contato com os pesquisadores!

Declaro que li este termo (TCLE), entendi os objetivos desta pesquisa, os direitos, riscos e benefícios da minha participação nela e aceito participar:

- (a) Li, entendi o TCLE e aceito participar.
- (b) Não li/não entendi o TCLE/não aceito participar.

Local: _____

Data: _____

Nome completo do participante: _____

Anexo 2 - Formulário Inicial

Agora, gostaria de perguntar algumas informações básicas para a seleção dos participantes de acordo com os objetivos da pesquisa. É um formulário rápido de apenas 9 questões!

- 1- Qual o seu nome? (informar o nome e pelo menos um sobrenome)
- 2- Qual seu e-mail para contato?
- 3- Quantos anos você tem?
- 4- Você tem irmã/Irmão/Irmãos biológicos mais velhos?
- 5- Se respondeu “sim”, quem? (por exemplo, uma irmã biológica mais velha, um irmão biológico mais velho, dois irmãos, etc.)
- 5- Pelo menos um apresenta uma diferença de idade menor que 5 anos com relação a sua idade? Qual?
- 6- Você conviveu na mesma casa a maior parte da infância e adolescência com esse(s) irmão(s)?
- 7- Você teve mãe e pai biológicos (ou outros) presentes na maior parte da infância e adolescência, tenham sido eles divorciados ou não? Explique
- 8- Esses “pais” conviveram na mesma casa com você e esse(s) irmão(s) na maior parte da infância e adolescência?
- 9- Por fim, como você descreveria, de forma geral e sincera, sua relação com essa irmã ou irmão(s) mais velho(s)? (Isso será utilizado para a escolha de participantes apenas, visto os focos da pesquisa!)

Muito obrigada por se interessar e contribuir com esta pesquisa!

Deixe aqui algum comentário ou feedback ;)